

Germana Henriques Pereira de Sousa
Alice Maria de Araújo Ferreira
Sabine Gorovitz

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO



EDITORA

UnB

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

**ENSAIOS DE TEORIA E
PRÁTICA DE TRADUÇÃO**



Fundação Universidade de Brasília

Reitor Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial Ana Maria Fernandes – Pres .
Ana Valéria Machado Mendonça
Eduardo Tadeu Vieira
Fernando Jorge Rodrigues Neves
Francisco Claudio Sampaio de Menezes
Marcus Mota
Neide Aparecida Gomes
Peter Bakuzis
Sylvia Ficher
Wilson Trajano Filho
Wivian Weller

LOQUUNTUR
TOBOPITB
S
PARLAKD
ERBLAR
SIARAD
K
ANGANGGO
SPRECHEN
DANIŞMAQ
A PAGAŞMAQ
KAZALIB
PRAATI
PRAAT

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO

KO
SNACAK
BERBICAK
U
AMARO
R



Equipe Editorial

Gerência de produção editorial

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Beth Nardelli e Fernanda Gomes (Njobs Comunicação)

Capa e diagramação

Inara Vieira e Daniela Rodrigues (Njobs Comunicação)

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Copyright © 2013 by

Editora Universidade de Brasília

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Fax (61) 3035-4230

Site: www.editora.unb.br

E mail: contato@editora.unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Sumário

Capítulo 1 - Espanhol, uma língua homogênea?17

Alba Escalante

- 1.1 Sobre a unidade e diversidade: um discurso sustentado em políticas linguísticas22
- 1.2 Unidade/diversidade: algumas vozes24
- 1.3 O que fazer ante o desencontro?28

Capítulo 2 - Ensino de Tradução Jurídica33

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Capítulo 3 - Existem dicionários de tudo e o tradutor

sabe disso!?!?55

Alice Maria de Araújo Ferreira

- 3.1 O dicionário metáfora de um mundo fragmentado!.....58
- 3.2 Tudo entra na forma dicionário, por isso, existem dicionários de tudo!60
- 3.3 Agora, falando sério! Os dicionários bilíngues e/ou interlinguísticos.....68
- 3.4 Para concluir o inacabado...71

Capítulo 4 - Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos

no ensino da tradução.....73

Ana Helena Rossi

- 4.1 Diário de tradução: ferramenta para refletir sobre o processo de tradução76

Capítulo 5 - As relações perigosas na tradução.....91

Germana H. P. de Sousa

- 5.1 Les *liaisons dangereuses*, a obra e sua recepção na França 94
- 5.2 A análise de Rónai sobre as traduções feitas no Brasil.....105

5.3 Considerações finais.....	113
Anexos.....	116
Capítulo 6 - A “tradução transparente” como sensibilização à intercompreensão das línguas românicas	117
<i>Jean-Claude Miroir</i>	
6.1 A tradução transparente	119
6.2 A intercompreensão entre as línguas românicas: português – francês	127
6.3 A aquisição do léxico como processo de tradução transparente	132
6.4 Considerações finais.....	136
Capítulo 7 - Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português	141
<i>Júlio Cesar Neves Monteiro</i>	
Capítulo 8 - Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona	153
<i>Mark Ridd</i>	
Capítulo 9 - Projeto final de curso de tradução.....	169
<i>Sabine Gorovitz</i>	
9.1 O pré-traduzir	172
9.2 O traduzir	181
9.3 O pós-traduzir	188
9.4 A questão formal do trabalho acadêmico.....	191
9.5 Considerações finais.....	197
Referências	198
Capítulo 10 - Tradução intersemiótica: uma prática possível e eficaz nos cursos de tradução	199
<i>Prof. Dr^a. Soraya Ferreira Alves</i>	

Apresentação

Embora o cunho técnico haja sido limitado ao máximo, surge inevitável, em certos momentos, o toque da aridez. Tenho consciência de que o tipo de trabalho apresentado aqui se ajusta melhor à sala de aula, onde tudo ganha mais clareza devido aos recursos do gesto e da palavra falada, com o auxílio do fiel quadro-negro e seu giz de cor. Reduzidas à escrita, as análises perdem força; mas creio que ainda assim podem valer como registro dum tipo de ensino, e eventual ponto de apoio para professores e estudantes.

Antonio Candido. Na sala de aula: caderno de análise literária¹

Existem várias obras que tratam da passagem da teoria à prática da tradução, ancorando-se nas mais diversas abordagens, das correntes prescritivas às descritivas dos estudos da tradução, e/ou na análise das práticas tradutórias, quer seja para analisar (e avaliar) a obra traduzida (domínio da crítica de tradução), quer seja para levar o tradutor, profissional ou aprendiz, a perceber o texto a ser traduzido e daí refletir acerca das implicações das estratégias tradutórias que deverá convocar para cumprir a sua tarefa. As reflexões em torno da tradução e de seu fazer vêm, de fato, ocupando um lugar cada vez mais privilegiado no âmbito da pesquisa e produção acadêmicas. Para citarmos apenas alguns autores-chave, vale lembrar aqui os nomes de Antoine Berman, Susan Bassnett, Andre Lefevere, James Holmes, José Lambert,

1 Antonio Candido. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Itamar Even-Zohar, Mona Baker, no domínio estrangeiro, e, no Brasil, os pesquisadores ligados ou não aos programas de pesquisa nacionais acerca da tradução, numerosos demais para serem elencados aqui, e grandes tradutores e pensadores da tarefa do tradutor, tais como Paulo Paes, Paulo Rónai, Haroldo e Augusto de Campos, entre tantos outros.

A obra que ora apresentamos é resultado da experiência em salas de aula do Curso de Bacharelado em Letras-Tradução, situado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/ Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, cujo percurso acadêmico perfaz 31 anos. Essa rica experiência na formação profissional de tradutores, em um dos cursos pioneiros do Brasil neste campo, serve-nos de referência e embasamento para as *lições* que aqui descrevemos. Falamos em *lições e sala de aula*, palavras cujos conceitos foram amplamente estendidos graças às novas tecnologias de comunicação ligadas ao ensino, porque este se quer um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício da tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida. Contudo, não se trata apenas disso. O estudante de línguas e literaturas estrangeiras modernas, ou aluno de Letras de um modo geral, ou ainda o aprendiz ou profissional de tradução poderão aqui encontrar alguns caminhos metodológicos para acercarem-se das questões envolvendo a prática e a crítica tradutórias, nos mais diversos âmbitos.

A didática da sala de aula – e as mais variadas lições ou esboços de lições aqui encontradas – procurou dialogar com o célebre e eficaz livro *Na sala de aula: caderno de análise literária*, de Antonio Candido, em que o crítico literário e comparatista brasileiro lê poemas, de modo único, aliando o método crítico desenvolvido por ele ao longo da vida, em que mostra, pelo exercício da prática, como a realidade social se configura em forma literária. Podemos nos valer aqui de seus comentários sobre

o texto, como objeto de estudo, ressaltando-se que, em Candido, trata-se de poemas como objeto de análise estético-crítica e, em nosso caso, de diferentes abordagens do texto para a tradução e de diversos pontos de vista acerca do fazer tradutório e de seu ensino. Diz Candido (2004, p. 5):

[...] procuramos sugerir ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns. Um destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos. Por isso, na medida em que *se estruturam*, isto é, são reelaborados numa síntese própria, estes elementos só podem ser considerados *externos* ou *internos* por facilidade de expressão. Consequentemente o analista deve utilizar sem preconceitos os dados de que dispõe e forem úteis, a fim de verificar como (para usar palavras antigas) a matéria se torna forma e o significado nasce dos rumos que esta lhe imprimir.

Podemos dizer, sem risco de nos enganarmos demasiado, que a compreensão e a percepção prévias da estrutura interna do texto são imprescindíveis para o exercício da tradução, não importando qual seja sua tipologia, porque apesar da construção do sentido envolver fatores externos, estes deixam marcas no próprio texto. Para isso, o leitor-crítico deve considerar o texto inserido histórica e socialmente para encontrar o discurso. É nas marcas discursivas que aparecem a historicidade e a intersubjetividade do texto e onde as tensões socioculturais e políticas se revelam. Essa necessária imersão do texto no período e

na sociedade que o produziu não invalida a análise dos elementos formais que carregam particularidades rítmicas próprias das diferentes poéticas. Os elementos externos ao texto, no caso da obra literária ou ensaística, trazem elementos indispensáveis para o estudo e compreensão das transferências culturais, a obra traduzida podendo ser lida na sua *hibridez cultural*.²

A obra que ora apresentamos, *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*, declina-se nas vertentes descritas a seguir e reúne os trabalhos de professores e pesquisadores do Curso de Letras-Tradução, da Universidade de Brasília (UnB), que possuem as mais variadas formações e desenvolvem pesquisa nos diferentes campos da tradução. Os estudos de tradução representam hoje um vasto campo de pesquisa e no mundo inteiro delineiam-se metodologias de pesquisa em torno da tradução, quer se pense em linguística aplicada, história e crítica literárias, literatura comparada, terminologia e lexicografia, intermedialidade, sem falar no recente e promissor domínio de pesquisa acerca das ferramentas de assistência ao trabalho do tradutor, entre muitos outros campos de estudos. A tradução como objeto em si deixou de ser pensada, desde os anos 1970, como a simples passagem de uma língua para outra, o que já representaria uma série de questões para a sua investigação, e passou a ser encarada como fenômeno cultural, e por aí, social e ideológico. O traduzir e o tradutor não ficam mais confinados aos antigos alfarrábios; consegue, ao contrário, uni-los aos mais modernos meios de comunicação e informação. Pensar os tradutores como mediadores culturais, como quis Goethe, faz hoje todo o sentido.

A variação é inerente à linguagem e os discursos que dão vida às línguas carregam marcas históricas, geográficas, socioculturais e subjetivas ou intersubjetivas. No entanto, essa constatação não

2 RISTERUCCI-ROUDNICKY, D. *Introduction à l'analyse des oeuvres traduites*. Paris: Armand Colin, 2008. (Collection "Cursus").

deixa a questão da variação linguística menos delicada para a prática da tradução, sobretudo, quando se trata de línguas faladas por milhões de sujeitos em diferentes continentes, como é o caso do par português-espanhol. O capítulo *Espanhol, uma língua homogênea?: algumas questões sobre o tratamento da diversidade no ensino da tradução do par linguístico português-espanhol*, proposto pela Prof.^a Alba Escalante, objetiva, justamente, levantar essas questões no ensino da tradução/versão português-espanhol, em que, muitas vezes, o estudante brasileiro ou residente no Brasil é consciente da variação ligada ao fator geográfico, mas tende a esquecer as marcas sócio-históricas e subjetivas do discurso que está traduzindo.

Existem várias crenças em torno da figura do tradutor: semideus, onisciente, conhecedor da língua-cultura estrangeira como se fosse a dele, além de ter uma excelente cultura geral e ser uma pessoa informada... Com essas múltiplas habilidades e competências, o aprendiz de tradução se vê diante de uma tarefa impossível e frustrante. Assim, o capítulo *Ensino de Tradução Jurídica: dúvidas e estratégias em sala de aula*, elaborado pela Prof.^a Alessandra Ramos de Oliveira Harden, levanta questões fundamentais ligadas ao ensino de tradução e à formação do tradutor aprendiz como: o que caracteriza o tradutor? O que alguém engajado nessa prática textual deve ser capaz de alcançar? Ou ainda, até que ponto deve ir o conhecimento do tradutor acerca da área específica que traduz? Apoiada em sua experiência de ensino de tradução jurídica em curso de graduação, a autora transcreve testemunhos de alunos acerca de suas expectativas e que revelam os medos e angústias diante da tarefa impossível. A autora, ainda, ilustra o problema enfrentado pelos alunos com o trabalho em sala de aula acerca de um texto da área jurídica e propõe um ensino centrado no aluno e não mais no texto a ser traduzido, de maneira a motivá-lo e levá-lo a refletir acerca das muitas peculiaridades da tradução. Aprender a lidar com a dúvida, com as decisões a serem tomadas e a pluralidade de respostas deve levar o estudante a perceber que os sentimentos de

medo e angústia são fatores fundamentais na formação do tradutor por beneficiar sua capacidade intelectual e decisória.

O dicionário é uma ferramenta comum para os tradutores. No entanto, a importância e a familiaridade dessa obra de referência e de aprendizagem são proporcionais ao nosso desconhecimento de sua história, de seu funcionamento e diferentes manifestações. Saber usar adequadamente essa ferramenta para poder escolher que tipo de dicionário consultar em função do texto a traduzir depende do conhecimento que temos de sua organização discursiva e da especificidade de cada obra lexicográfica e/ou terminológica. O capítulo da Prof.^a Alice Maria de Araújo Ferreira, *Existem dicionários de tudo e o tradutor sabe disso!?*, propõe-nos refletir acerca das tipologias de tais obras, apontando para as diferenças de conteúdo independentemente da sua forma característica, a ordem alfabética. O tradutor em formação aprende a diferenciá-las e assim a aperfeiçoar sua consulta na busca de informações discursivas.

A tradução não implica apenas um traduzir, mas um *refletir* sobre esse *traduzir*. A construção da reflexão profissional e a conscientização das implicações que a atividade tradutória acarreta também devem ser objetivos do ensino de tradução para formação de um tradutor ético e consciente da sua função transformadora na sociedade. Esse é o tema do capítulo *Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução*, da Prof.^a Ana Helena Rossi. Ela apresenta os resultados de um ateliê de tradução realizado na França, visando ao ensino da língua portuguesa e à explicitação da problemática da tradução sobre a interligação de dois textos (o da língua fonte e o da língua meta). A autora relata sua experiência de ensino da tradução a partir de uma série de poemas de Ferreira Gullar e propõe a redação de um diário de tradução, deslocando, assim, a tradução da sua posição de objeto do *fazer* para o do *refletir*.

Com vistas ao ensino de uma metodologia de análise crítica de obras traduzidas, que sirva de embasamento e conduza ao

exercício da prática tradutória, a Prof.^a Germana H. P. de Sousa propõe estudar a obra *Les liaisons dangereuses*, do escritor francês Choderlos de Laclos (n. 1741 – m. 1803), que, segundo afirma, vem sempre acompanhada de um *parfum de scandale*. Parte para isso do artigo *Laclos quatro vezes, para quê?*, do crítico e tradutor Paulo Rónai, que chama a atenção para as traduções dessa obra no Brasil em seu conhecido livro *Escola de Tradutores*. A análise empreendida pela Prof.^a Germana no capítulo *As relações perigosas na tradução: o romance Les liaisons dangereuses, de Laclos, e suas traduções brasileiras* visa tirar proveito daquilo que Rónai chama de um tema para a *pesquisa, ou uma lição, numa possível escola de tradutores*.

Tomando, desta vez, a tradução como meio, e não mais como objeto e objetivo, o Prof. Jean-Claude Miroir, no capítulo *A “tradução transparente” como sensibilização à intercompreensão das línguas românicas: o caso da língua francesa para aprendizes lusófonos iniciantes*, reflete sobre a *tradução transparente* enquanto motivação no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, tornando-a uma tarefa tradutória de contato. Com efeito, a intercompreensão das línguas ditas românicas e a atividade de tradução representam um contexto propício para reforçar a autoconfiança do aprendiz iniciante no aprimoramento do seu desempenho na compreensão escrita.

Refletir acerca da formação do tradutor e de sua capacitação na reflexão crítica, além de eleger a sala de aula como lugar privilegiado para a experimentação e a discussão acerca dos problemas da tradução, é o objetivo do capítulo *Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português*, do Prof. Júlio Cesar Neves Monteiro. Para defender essas ideias, o autor argumenta a partir de sua experiência como professor de prática de tradução de textos econômicos no par de línguas espanhol-português. Assim, descreve a rotina da aula desde a escolha do texto a ser traduzido, o perfil do leitor, as questões ideológicas e práticas envolvidas no papel do tradutor como

agente transformador da sociedade, até o uso de ferramentas que auxiliam a atividade tradutória como os dicionários, os glossários especializados e a internet. Trabalhando com o par espanhol-português, o autor também alerta para os perigos que algumas crenças dos alunos podem acarretar: a transparência das línguas facilitaria a tradução, o domínio da língua estrangeira seria mais importante que o da língua materna, as dificuldades das linguagens especializadas centrar-se-iam no vocabulário, dentre outras.

No capítulo *Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona*, o Prof. Mark Ridd afirma que a tradução jurídica deve ser tratada com certo cuidado, já que “é particularmente melindrosa no ambiente de um curso de formação em Tradução”, uma vez que o discurso jurídico é formado em grande parte por jargões e tem vieses técnicos, mas também antitécnicos; é sofisticado e em geral mescla “precisão técnica com arroubos estilísticos quase literários”. Afora isso, Ridd chama a atenção para outro fator, a vinculação cultural e social que estes textos estabelecem com a cultura de origem. Diante dessa constatação, Ridd ressalta que o tradutor de textos jurídicos deve ter cautela, sobretudo em “ambientes em que a tradução é sensível, por exemplo, na atuação do tradutor em processos judiciais na condição de perito”.

Todo o trabalho de tradução supõe estar diante de desafios a serem enfrentados: decisões devem ser tomadas; posicionamentos teóricos devem ser assumidos, experimentações de liberdades devem ser vividas. O capítulo *O Projeto final de curso de tradução*, da Prof.^a Sabine Gorovitz, objetiva elencar as principais etapas do trabalho de conclusão de curso (TCC) no bacharelado em Letras-Tradução, momento em que o aluno enfrenta esses desafios enquanto futuro tradutor profissional. A autora descreve cada etapa do processo, exemplifica e orienta cada passo a ser dado pelo aluno sem, no entanto, esquecer, e daí lança um alerta, que o trabalho começa nas disciplinas de tradução ao longo do percurso

de formação com as leituras prévias, as análises e as críticas de traduções. Destaca ainda que o graduando deve construir sua própria trajetória porque esta se constitui sempre como “um caminho único que leva ao ato da tradução”.

E, por fim, o capítulo *Tradução Intersemiótica: uma prática possível e eficaz nos cursos de tradução*, da Prof.^a Soraya Ferreira Alves, traz uma experiência vivida em sala de aula acerca da tradução intersemiótica, mais especificamente acerca da adaptação do conto de Dalton Trevisan *Uma vela para Dário* para um curta-metragem de mesmo nome. A experiência prática permite-lhe uma reflexão sobre o processo tradutório e dá espaço para uma discussão relativa às teorias contemporâneas focalizando a tradução de um sistema semiótico para outro. Essa discussão levanta questões fundamentais como: o ajustamento de linguagens, o posicionamento do tradutor, a diferença de olhares e a liberdade de interpretação, dentre outras. Assim, a partir de uma reflexão sobre a relação tensa entre os dois textos (o original e a tradução como reescrita), a autora propõe discutir as adaptações como ferramenta pedagógica nos cursos de tradução.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos colegas do Curso de Letras-Tradução, da UnB, o espírito de colaboração que levou à elaboração deste material, que, esperamos, possa cumprir seu objetivo, fazer o estudante refletir sobre as diversas facetas do fazer tradutório.

As organizadoras

A obra que ora apresentamos, *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*, é resultado da experiência em salas de aula do Curso de Bacharelado em Letras-Tradução, situado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, cujo percurso acadêmico perfaz trinta e um anos. Essa rica experiência na formação profissional de tradutores, em um dos cursos pioneiros do Brasil neste campo, serve-nos de referência e embasamento para as *lições* que aqui descrevemos. Falamos em *lições* e *sala de aula*, palavras cujos conceitos foram amplamente estendidos graças às novas tecnologias de comunicação ligadas ao ensino, porque este se quer um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício da tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida. Contudo, não se trata apenas disso. O estudante de línguas e literaturas estrangeiras modernas, ou aluno de Letras de um modo geral, ou ainda o aprendiz ou profissional de tradução poderão aqui encontrar alguns caminhos metodológicos para acercarem-se das questões envolvendo a prática e a crítica tradutórias, nos mais diversos âmbitos.

